

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE COMO PRINCÍPIOS EDUCATIVOS ANTIRRACISTAS

Heloise Beatriz Lucio Sousa ¹

Andréia Fernandes Oliveira ²

André Augusto Diniz Lira ³

RESUMO

O artigo busca identificar na obra de literatura infantil O Pequeno Príncipe Preto de Rodrigo França, lançada em 2020, a relação entre identidade negra (Souza, 1983; Munanga, 2005; Chagas, 1997; González, 2020) e ancestralidade como princípio educativo (Oliveira, 2005; Moraes, 2019; Petit, 2023). Para uma educação antirracista (Cavalleiro, 2001, 2003; Carine, 2023), construída em resistência à branquitude (Bento, 2002; Schucman, 2014; Schucman & Conceição, 2023), que produz e legitima violências de toda sorte contra grupos sociais não brancos, precisamos de metodologias e recursos educativos que, na disputa das narrativas, tencionem os privilégios brancos. A literatura infantil, que retrata positivamente personagens negros – onde se inclui a obra aqui destacada – é fundamental aliada. Nesse exercício investigativo, utilizamos a metodologia denominada Análise Textual Discursiva – ATD – (Moraes, 2003; Moraes e Galliazi, 2007). Como primeiros resultados advindos da análise de trechos da obra, identificamos que a ancestralidade é fundamental para a compreensão da identidade negra, numa perspectiva de fortalecimento do sentimento de pertencimento (Hooks, 2022) e positividade de imagem e autoimagem. Assim sendo, a abordagem da ancestralidade como princípio educativo em uma educação antirracista é condição determinante de desvelamento dos estereótipos negativos produzidos pela branquitude a respeito da identidade negra. Com isso, reafirmamos que uma educação antirracista, como preconizada no parecer da lei 10.639/03, precisa contar, entre outros recursos, com o uso de literaturas infantis (Cuti, 2003; Zilberman, 2012; Missilene, 2016; Brito, 2023), que intencionam o fortalecimento e valorização de negras e negros, o desvelamento de preconceitos e o combate ao racismo.

Palavras-chave: educação antirracista, literatura infantil, identidade negra, ancestralidade, branquitude, lei 10.639/03.

INTRODUÇÃO

A efetivação de práticas antirracistas é promissora para que o racismo seja combatido e protagonismo negro seja evidenciado na educação. Ao analisarmos da obra O Pequeno Príncipe Preto, de Rodrigo França, tínhamos como objetivo principal compreender a relação

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Bolsista do PET - Pedagogia/UFCG. Email: heloiselucio92@gmail.com

² Doutora em educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) cursando estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bolsista FAPESQ, andreia.sankofa@gmail.com

³ Professor Titular da UFCG. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG. Pesquisador Associado ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade-Educação (CIERS-Ed) da Fundação Carlos Chagas. Doutor em Educação pela UFRN, andreaugustoufcg@gmail.com



entre a identidade negra e a ancestralidade como princípios educativos antirracistas, e encontramos como resultado os dois conceitos referidos como base para a construção identitária da criança negra, que surgem no livro, ao longo da narrativa de maneira leve, para que a criança consiga compreender e construir a sua própria identidade.

Barroso (2023) mostra o quão importante é trabalhar desde a educação básica, uma educação antirracista e inclusiva, para que as crianças negras se sintam pertencentes ao espaço que ocupam assim como as brancas possam compreender-se com parte - e não centro- da diversidade racial que existe no país. Por meio disto, é imprescindível trabalhar conceitos como identidade, representatividade, cultura e o protagonismo da negritude dentro do espaço educacional, com intuito proporcionar aprendizagens da historicidade da população negra, conceitos estes bem presentes na obra.

O livro apresenta o fortalecimento da luta contra o protagonismo branco e a branquitude, sempre presentes na maioria das obras de literatura infantil. A obra em estudo, ao evidenciar um príncipe preto, contribui para a valorização da população negra, é assim faz-se literatura de resistência, literatura antirracista. Este livro literário contribui para a infância de crianças negras que, ao terem contato com este mundo imagético pleno de representatividade negra, conseguem se ver no personagem e entender as suas características únicas, como a boca, o cabelo black e o nariz, tendo a possibilidade de fortalecer a sua autoestima e aprendendo a importância de conhecer e valorizar sua ancestralidade.

Ao considerar sobre o livro o Pequeno Príncipe preto, o trabalho dialoga com os conceitos de identidade e ancestralidade como contribuidores para a discussão étnico racial, sendo eles importantes para uma pacto antirracista na sociedade brasileira, c. Para tanto, o trabalho ficou organizado da seguinte forma: metodologia; referencial teórico, resultados e discussão, está organizada em em dois subtópicos: construção da identidade negra e ancestralidade: resgate de suas características através do outro; por fim têm as considerações finais contemplando a importância da efetivação de práticas antirracistas na educação e no trabalho com a literatura.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta uma abordagem de cunho qualitativo, sendo um trabalho que compreende toda a dinâmica humana, seja individual ou coletiva, com todas as suas dimensões (Minayo, 2009), sendo importante para entender as percepções acerca do que a obra abarca, analisando significados, motivos, valores e crenças que cada pessoa atribui ao



mesmo. Sendo uma pesquisa bibliográfica, que busca compreender o objeto de estudo através de materiais já existentes (Gil, 2002), o referido autor ainda destaca a vantagem desta perspectiva para analisar os aspectos conceituais que o Pequeno Príncipe Preto resgata.

Outrossim, o artigo caracteriza-se por uma abordagem de análise textual discursiva, compreendida como “um processo que se inicia com uma unitização em que os textos são separados em unidades de significado.” (Moraes; Galianzi, 2006, p. 118). Um trabalho como este, centraliza em observar o locus analisado, com o intuito de atribuir significado ao que está sendo posto.

Assim, objetivou-se neste artigo analisar as contribuições do livro o Pequeno Príncipe Preto para uma efetivação de uma educação antirracista, com observações acerca da construção identitária e ancestralidade abordadas no livro. Desse modo, para a construção deste trabalho, foi realizada a partir da análise da obra, de Rodrigo França e outras leituras para compreender a importância da literatura afro-brasileira, os conceitos de identidade, branquitude, ancestralidade, assim como a importância de efetivação de práticas lúdicas para a promoção de uma educação antirracista.

REFERENCIAL TEÓRICO

O uso da literatura na educação das crianças tem a sua origem na Europa, com histórias cujo conteúdo estava voltado para o ensino de regras e costumes. Ao direcionar o olhar para a chegada da Literatura no Brasil, Souza e Silva (2023), pontuam que

“o início da Literatura, incluindo a destinada ao público infantil, no Brasil, se viu por muito tempo atravessado por grandes influências da cultura europeia, dado o fato de que os principais personagens dos contos voltados às crianças eram normalmente brancos, como princesas, príncipes e heróis, enquanto os negros assumiram, na maioria das vezes, um papel de inferioridade” (Souza et al., 2023, p.05)

Oliveira et al. (2021), destacam que a supervalorização da cultura europeia, acarreta uma série de preconceitos contra a população indígena, afro-brasileira e os povos africanos, sendo eles silenciados e desvalorizados. Ocorrendo assim, um apagamento e uma depreciação dos mesmos, os próprios são vistos de maneira negativa, tendo olhares de recriações a todo momento. Tendo em vista este fator, ao relacioná-lo com Literatura vemos que em seu início no Brasil com o Monteiro Lobato, a população negra era postada em suas histórias marcadas de estereótipos negativos, além da diferença de tratar a personagem negra e a personagem branca, o contexto da época retratava o negro como um ser inferior. Munanga (2005) em seu



livro, discute as representações negras que as obras do século XX passaram para a sociedade e uma das exemplificadas foi a tia Nastácia no Sítio do Picapau Amarelo, sendo uma personagem tratada com hostilidade, com narrações que conduzia a mesma de maneira negativa.

Posto isto, mudar a visão de preconceito da sociedade brasileira é um processo contínuo, árduo e que demanda anos e anos. O século XXI demonstra que muitas atitudes foram moldadas e a população preta vem alcançando espaço e respeito por onde passa. Com isso, a Lei 10.639/2003, foi um divisor de águas para a população negra ser respeitada e acolhida no mundo. A mesma é uma “política de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade” (Brasil, 2004, p.2), ou seja, ela vêm para garantir que a sociedade negra e afro-brasileira tenha o direito de emergir nos espaços escolares, através de práticas que evidenciam aspectos de suas características ancestrais.

Misseline (2016) aponta que a conquista da Lei foi imensa para todos os negros e negras do país, com ela, a escola passa a ter o dever de trabalhar as questões raciais, a valorização afro-brasileira e mostrar no âmbito educacional, a identidade negra presente na sociedade, através da mesma, foi possível o desenvolvimento da inclusão negra em muitos espaços.

A obra do Pequeno Príncipe Preto, a partir de nossa percepção, propõe ressaltar a cultura, características e ancestralidade do jovem negro, que ama ser ele mesmo, com suas características vindas de seus ancestrais. Nesse sentido, por ser um livro que evidencia a cultura afro-brasileira, ele se enquadra na literatura afro-brasileira, sendo caracterizada como um resgate “a memória de um povo, de sua cultura, seus costumes, suas contribuições, as personalidades que representam um determinado povo e possibilidades de (re) construção da identidade individual e coletiva das crianças negras e não negras” (Misseline, 2016, p. 2023). A partir disto, percebe-se a importância de que livros como o referido acima, sejam trazidos para o espaço de vivência das crianças, para que elas possam conhecer a diversidade étnico racial existente no Brasil e no mundo.

Dessa maneira, ao destacar a literatura afro-brasileira é importante salientar que a mesma surge a partir da literatura, vista como uma arte, que tem como objetivo proporcionar a imersão das crianças leitoras em histórias que resgatam diferentes temáticas culturais e sociais. Diante do exposto acima, Souza et al. (2023), destacam a percepção que a maioria dos livros literários encontrados nos espaços, reforçam um ideário da branquitude, sejam com os protagonistas sempre brancos, com ausência de negros ao longo da narrativa ou até mesmo a negação das diversas culturas existentes no nosso país. Nessa vertente, a literatura



afro-brasileira destaca-se como uma propulsora para evidenciar a cultura e historicidade da população negra, se contrapondo com a ideia de reforçar estereótipos e que apenas os brancos sejam colocados em evidência nas histórias.

Entretanto, o caminho para que uma literatura com protagonistas negros sejam destacadas nos âmbitos da sociedade, ainda é um percurso árduo e cansativo, mas que precisa seguir como estratégia de combate a branquitude, caracterizada como um sistema que possibilita pessoas brancas estarem em “posição de vantagem que produz privilégios materiais e simbólicos nas sociedades estruturadas pelo racismo” (Schucman; Conceição, 2023, p. 54). Nesse sentido, é necessário romper com a ideia da centralidade da população branca como referência cultural, estética e social. Neste sentido, produzir literatura que traz protagonistas e histórias que destoam dos ideários e perspectivas da branquitude é fundamental. Vivemos um momento histórico de valorização da cultura negra e indígena, mas ainda há muito mais a se fazer e a o avanço da produção literária nessa perspectiva é fundamental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Os indivíduos ao longo do seu processo educacional são atrelados a diferentes tipos de culturas, atividades, práticas pedagógicas que propõem resgatar as suas vivências, a sua história e suas características. Todavia, a sociedade brasileira está atrelada a uma educação com representações em sua maioria da cultura das pessoas brancas (Ribeiro, 2019), fato que dificulta o processo identitário das crianças, sobretudo das negras. A ausência de representatividade colabora para que não seja construída a identidade de pessoas pretas, dificultando as suas construções com o seu povo ancestral.

Contudo, a partir da obra trabalhada neste artigo, temos a convicção que a mesma busca se contrapor com essa imposição da centralidade em personagens apenas brancos, assim como “rompe com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas” (Mariosa; Reis, 2011, p. 45) ou seja, os livros de literatura afro-brasileira evidenciam a historicidade, estética e cultura dos negros, colocando-os em destaque ao longo da sua narrativa.

Com obras que contemplam a diversidade étnico racial existente na sociedade, as pessoas começam a compreender a história de um povo, que por muito tempo foi silenciada



diante das opressões que sofriam. Além disto, com a construção de uma leitura literária fruída, partilhada com significado e sem fins pedagógicos, a criança passa a construir a sua própria identidade. Sendo ela conceituada como, “uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo”. (Gomes, 2003, p. 171). Nesta perspectiva, o processo de construir a sua identidade perpassa pelas vivências que são atribuídas aos indivíduos, havendo uma efetivação com a disponibilidade de recursos que lhes forem proporcionadas.

Nesse sentido, o livro de França (2020) busca fortalecer a construção identitária dos indivíduos, por meio de evidenciar as características do príncipe preto, seja o seu nariz de “batata”, os lábios grandes, os olhos pretos e o cabelo black. Características essas, que por muito tempo era vista como algo feio ou estranho, são resgatadas pelo autor para destacar a estética negra em livros afro-brasileiros. Fato resgatado em uma das falas da protagonista, sendo ela: “*Minha boca é grande e carnuda. Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito! Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro o meu nariz.*” (França, 2020, p.11), expressões essas que reforçam o leitor a olhar para suas características, se encontrar diante a leitura e perceber que elas são bonitas e únicas, contribuindo assim para o seu processo identitário. Nos Resultados, deverá constar a esquematização dos dados encontrados, na forma de categorias analíticas e sistematização dos achados empíricos.

Nesta sessão poderão ocorrer o uso de gráficos, tabelas e quadros, atentando para a utilização e identificação segundo as normas da ABNT.

As discussões (análises) geradas a partir dos resultados deverão ser criativas, inovadoras e éticas, de maneira a corroborar com as instruções de pesquisa científicas do país. Levando em consideração a referencia a autores e teorias, bem como referenciando os resultados encontrados.

2. ANCESTRALIDADE: RESGATE DE SUAS CARACTERÍSTICAS, ATRAVÉS DO OUTRO.

Segundo Oliveira et al (2024), o conceito de ancestralidade propõe a preservação e fortalecimento da comunidade preta, sempre contribuindo para que o sujeito possa encontrar-se no outro, com o intuito de fortalecer o seu eu. Em diálogo com Eduardo Oliveira (2005) “a ancestralidade é vista como categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Nesse sentido, promove e sustenta uma ética comunitária que protege, resiste e recria a vida na integralidade, no respeito e interdependência a quem nos



antecede e complementaridade com a natureza.” (Oliveira E. 2005 *apud* Oliveira et al 2024, p. 88)

Nesta conjuntura, a ancestralidade dentro da obra, é ressaltada desde do primeiro momento em que França (2020) dedica o seu livro para os seus ancestrais, evidenciando o seu amor pelos seus antepassados. Diante disso, as falas destacam esta afirmação ao fazer uma relação do nascimento de árvores, “*antes dessas árvores, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra...*” (França, 2020, p. 9), mais que isso, ele salienta um questionamento, para que o leitor reflita sobre o seu passado, sendo a mesma: “*Como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. Isso é sabedoria e ancestralidade.*” (França, 2020, p.9). Os trechos citados, realçam o que esta literatura propõe: proporcionar para o seu leitor o contato com aspectos da construção ancestral.

Diante do exposto, o conceito de ancestralidade se interliga com o termo *ubuntu*, sendo caracterizado por ter o lema, “*eu só o que sou, porque nós somos*”, fortalecendo assim, a luta pelo seu povo. Brito (2023) destaca que o conceito referido neste subtópico além de trabalhar com o que é de fato, o mesmo se propõe exemplificá-lo a partir dos parentes da criança, desde do seu tataravô ao seu pai, ressignificando a importância do seu passado, para o que se é hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossas análises, o livro contempla a abordagem da identidade e ancestralidade, com o intuito de abarcar a história da população negra, evidenciando características próprias desses povos. França (2020) com esta obra, resgata aspectos culturais e ancestrais da negritude de uma maneira única, destacando a negritude em suas inúmeras dimensões. Por evidenciar a historicidade e cultura da população preta, a obra torna-se uma prática que deve ser realizada no espaço escolar, pois fortalece a Lei 10.639/03 e contribui para que seja evidenciado protagonismo negro e a construção/ fortalecimento da identidade negra e a valorização da diversidade.

Neste alinhamento, para que livros literários sejam proporcionados a crianças com o protagonismo de personagens negros, que utilizam o espaço da obra para contemplar aspectos estéticos dos negros de maneira respeitosa, torna-se necessário que o professor faça escolhas asseertivas, com a preocupação de promover o contato com obras de qualidade e que estimule a criança a compreender os aspectos culturais do nosso país (Zilberman, 2012) Com um



acervo bem escolhido, as crianças terão o prazer de usufruir de uma literatura fruída e rica e diversa na construção identitária.

Posto isto, a educação antirracista é tema emergente na sociedade brasileira, Carine (2023) destaca que para que seja efetivada práticas nessa perspectiva, é necessário que tenhamos no cenário educacional profissionais que conheçam esta abordagem e dominem os conceitos como ancestralidade, identidade e a cultura do povo negro. Sendo mais que conhecer a história dessa comunidade, é preciso que sejam aprofundados os conhecimentos, para que sejam proporcionados a todas as crianças um ensino abarcado de diversidades étnico-racial.

Por fim, é urgente que o protagonismo negro seja efetivado no campo educativo, através de práticas que resgatem sua história, cultura e estética, assim como aponta a legislação. Ao nos colocarmos como educadores críticos, precisamos pensar em ser a diferença na vida de cada educando, promovendo um espaço promissor de evidências das diversidades, entre elas, a étnico-racial.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Aline Matos de Miranda. Trajetória de uma professora e os desafios para a implementação de uma educação infantil antirracista. In: LOMBA, Maria Lúcia de Resende (org). **Relatos e vivências de profissionais na Educação infantil: reflexões sobre a docência**. Curitiba: Appris, 2023., p. 107-115

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: Planalto - Lei nº 11.645/2008. Acesso em: 12 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 003/2004**, de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 maio de 2004. Disponível em: portal do MEC.

BRITO, Amanda. **“Nada foi em vão “: Uma análise sobre as obras de literatura infantis da atualidade como Ferramenta de Combate ao Racismo em sala de aula**. Trabalho de



Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2023.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**; ilustração: Juliana Barbosa Pereira. - 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e pesquisa. São Paulo, v29, n.1, p. 167-182. jan/jun. 2003.

MARIOSIA, Gilmaria Santos; REIS, Maria da Glória dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Londrina, Vagão-Volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011.

MINAYO, M. C. de S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: DESLANDES, Suely Ferreira (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p. 09-29.

MISSELINE, Maria. **Literatura infantil afro-brasileira: Possibilidades e contribuições na (RE) construção da identidade de crianças negras**. Monografia – Pedagogia, Departamento de Educação, Recife. 2016.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces**. Ciência & Educação, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2º edição revisada. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Andréia Fernandes; SOUSA, Heloíse Beatriz Lucio; NASCIMENTO, Emanuely Cristina de Souza. **O Pequeno Príncipe Preto e sua preciosa Baobá: sementes potentes para práticas educativas antirracista**. In: LIRA et al. (Orgs.). **Nos mundos dos Pequenos Príncipes: entre leituras e releituras**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.



OLIVEIRA, Bernadete Rodrigues de; OLIVEIRA, Paula Grasiela dos Santos de; ARAÚJO, Jurandir de Almeida. **Educar na e para a diversidade: O trabalho com a literatura afro-brasileira na educação infantil.** Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação - ISSN 1981-9943. Blumenau, v.15, n.2, p.058-075, maio. /ago. 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia e ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira.** Fortaleza, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista** - 1º ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHUCMAN, Lia V; CONCEIÇÃO, Willian C. Branquitude. In :Rios, Flavia; Santos, Márcio A.; Ratts, Alex (orgs.). **Dicionário das Relações Étnico-raciais contemporâneas.** São Paulo: Perspectiva, 2023.

SOUZA, Maria Natânye Silva de; SOUSA, Maria Isabella Santos; SILVA, Rita de Cássia Gomes; RAMOS, Fabiana. **Literatura Infantil afro-brasileira e a construção da identidade étnico racial.** Conedu, 2023.

SOUSA, Marília Rosália Cordeiro Antas de; SILVA, Roseane Amorim da. **Personagens negros (as) na literatura infantil afro-brasileira: reflexões sobre a construção da identidade de crianças negras.** Cad. Aplicação | Porto Alegre | v.36, n. 1 | jan./jun. 2023.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 1º edição digital. São Paulo, 2012.

